

O Lugar do Analista Invadido ou o Acolhimento desde Freud

Autores: Hélio Henrique Quinan Neiva

Dr^a Daniela Scheinkman Chatelard

Dr^a Isalena Carvalho

RESUMO: A proposta de Lacan sobre os efeitos de seus textos sobre o leitor é de que há um sujeito que se posiciona num lugar ativo na leitura, longe de ser alienada. O leitor é invadido pelo que leu e num outro momento deve elaborar tais efeitos. Lugar inquieto porque o estilo de Lacan é de causa de desejo. Há uma semelhança com o lugar do analista, especificamente no acolhimento dos significantes que o sujeito foi invadido, o analista permite tal invasão na análise. Porém há uma diferença, pois o produto do acolhimento da fala do sujeito é propriamente um fazer falar mais. O lugar do analista é invadido para que um resto da própria análise do sujeito, acolhimento para que cause mais associações, por isso quando o analista abre a boca é para produzir algo do sujeito em análise e não é propriamente do analista o produto final.

PALAVRAS-CHAVE: lugar do analista, acolhimento, sujeito

O LUGAR DO LEITOR: SUJEITO DA CAUSA DE DESEJO

A construção da lógica das ciências naturais da frase do conde francês Buffon; “O estilo é o Homem” é fruto do efeito de uma lógica naturalista, em que se utiliza um método para pensar a condição humana paralelo ao método do que ficou conhecido como ciências naturais, como se fosse possível nomear leis da natureza a questões do que seria o homem e a vida social. Lacan brinca com as palavras já na introdução dos *Escritos* (1966) que foi intitulada de; *Abertura desta coletânea* (1966). Brinca no sentido de não fazer uma série acadêmica, mas sim por “[...]levar a sério a descoberta freudiana.” (LACAN, 1956, p.13), e seguir uma sequência a descoberta da psicanálise, que há um sujeito barrado pela falta e por isso desliza na polifonia da escrita.

Por uma lógica outra a das ciências naturais, Lacan faz de forma lúdica um roubo da letra “*le vol de la lettre*”, em que seu ponto de partida é o humor sagaz expresso principalmente de forma extrovertido com a polissemia que a língua francesa lhe permite o voo da letra “*lettre de vol*”. O sujeito da psicanálise não se fecha no ideal naturalista da nomeação homem como algo de um ordem do instinto natural, e sim por essa falta, permitindo esse homem ser invadido pela linguagem. Para entendê-lo melhor há de se perguntar; “[...] o homem a quem nos endereçamos?” (p.9)

Elaborar sobre o endereçamento é botar à prova a capacidade da comunicação. Apontar a impossibilidade da fala, entre os ditos homens, de comunicar. O fato de falar não implica necessariamente que há entendimento, algo falha sobre o saber do que está falando. Assim não é imprudente a escolha do texto; *O seminário sobre A Carta Roubada* (1956) para abrir o Escritos. Nele Lacan analisa o conto do escritor americano Edgar Allan Poe, para dizer da insistência da cadeia de significante repetir automaticamente na fala do sujeito. Tomado como um lugar excêntrico a ele mesmo o sujeito *ex-sistência*, existe fora pois há uma linguagem em que ele é invadido por uma cadeia de significantes.

Cadeia capaz de provocar efeitos de deslocamentos, polissemia e sentidos. Em que ao falar o sujeito é posto a inventar, sujeito de uma ordem simbólica que narra seu drama de um ponto da ficção, pois a visão em torno da verdade é feita de falhas que coloca o sujeito a inventar. Esta ficção só é possível pela invasão do Outro, tesouro dos significantes. Da mesma forma Lacan adverte o leitor do conto *A Carta Roubada*, para não se precipitar em colocar o conto num gênero literário, perdendo a riqueza simbólica da leitura da escrita de Poe. A leitura desfocada de um gênero literário permite o deslizamento da narrativa, a verdade se apresenta na ficção que se cria com o leitor, e não na fixidez de um gênero literário específico. Há aqui a aposta de um leitor que é o próprio sujeito, aquele que é invadido pela narrativa, não apenas espectador passivo à nomeação de uma leitura entre o drama ou comédia.

Dessa forma há de interrogar qualquer lugar naturalizado. Ao ler a afirmação de Buffon “O homem é o estilo” há de se questionar o que se quer dizer com isso, saindo da passividade perante a ilusão de entendimento. Questionando a naturalidade do conceito de homem perante a descoberta freudiana, em que o eu não seria senhor da sua própria casa, permite o lugar do sujeito não separado do objeto. Aqui o sujeito não é nem maior e nem menor na relação, todavia não se encontra na função de igualdade, mas sim na fórmula da fantasia \$ <> a, onde se lê; Sujeito em punção de objeto a.

Separação de sujeito e objeto foi idealizada pela dita ciência natural, da qual Buffon a insere na lógica da Academia. Ele coloca o homem com um ser maior da maldita natureza, em que seria possível um saber perante os objetos malditos naturais. Partindo do campo da linguagem, o estilo se endereça a um Outro, o mesmo do qual “na linguagem nossa mensagem nos vem do Outro, e para enuncia-lo até o fim: de forma invertida” (Lacan; p.9). O enunciado de forma invertida, o nó perante a fala, que vem do Outro e retorna a ele, seria de forma estilosa. Nó no sentido da entrega e da invenção com as palavras de forma lúdica, do próprio ato de brincar. A invenção sonora do *fort-da* do neto de Freud, que na ausência do outro materno enlaça a mensagem do Outro, fonte dos significantes. Ao inventar e se colocar a falara *fort-da*, o neto dá notícias do enlace da linguagem para a escuta atenta do avô Freud. Tal invenção não seria feita sem uma invasão da linguagem, mesmo que ainda precariamente sonorizada.

Apesar da coletânea dos textos escritos serem diacrônicos e nesta abertura que Lacan advertir o leitor dos efeitos da leitura. Principalmente porque não há uma certeza do homem e seus estilo como afirma o acadêmico Buffon. A implicação a leitura, seja cronológica ou não, posiciona o leitor a ser invadido pelo escrito, para num outro tempo, se haver com a falta do saber fixo. Para isso, na queda da incerteza, o leitor é suposto como sujeito da experiência freudiana, para advir uma verdade sobre o texto há que se fazer uma ficção.

Pois o sujeito da psicanálise é dividido, em tal divisão é “onde se verifica o sujeito pelo fato de um objeto o atravessar sem que eles em nada se penetre” (Lacan; p.10). O atravessamento do objeto que Lacan chama de objeto a, aquele que diz de forma minimalista sobre os objetos parciais da pulsão e objeto causa de desejo. Seria na relação do sujeito com objeto a que adviria algo da elaboração, onde o leitor na consequência da leitura dos escritos há de colocar algo de si.

O efeito da invasão da linguagem no sujeito é ao mesmo tempo o lugar de dívida com a linguagem do Outro e de dom, por poder se reinventar nessa invasão o sujeito é permitido uma invenção. Objeto a como causa de desejo seria propriamente o efeito de ser invadido, não pela certeza do que é o ser homem de Buffon, mas sim da queda do objeto para objeto causa “em que o sujeito se eclipsa e como suporte do sujeito entre verdade e saber” (p.11)

Eclipsa por ainda não saber os efeitos da leitura do texto, por ainda haver um furo, algo na qual num outro momento o sujeito seria capaz de dizer, simbolizar o momento do não saber. E o objeto a é suporte entre verdade e saber por ainda ter que falar do que a invasão dos

textos no Escritos de Lacan causou de desejo. Parece que nesta abertura Lacan ao mesmo tempo que adverte que o leitor tem que dar algo de si, tem algo a perder das suas certezas, para que os escritos causam efeitos o que não seria apenas uma leitura leviana. Há também uma promessa, um ganho, de que a invasão de sua escrita tem como consequência fazer o sujeito falar e escrever com a própria carne.

A consequência é escrever com o próprio furo da linguagem, pois não há um encontro com a verdade no ensino de um saber, retomando *O seminário sobre "A carta roubada"* (1956) a verdade se revela em sua ordenação de ficção. Ponto de partida para pensar na elaboração deste artigo, tal pontuação da invasão da letra lacaniana e os efeitos que apostam num sujeito que vai ser invadido para inventar, não seria propriamente o mesmo para aqueles que querem se ocupar do lugar do analista? O analista se aproximaria do lugar do leitor, ilusoriamente passivo, mas que na escuta flutuante é invadido pela forma como o sujeito foi invadido pelo Outro, e assim algo da boca do analista faz abertura da presença do inconsciente.

O LUGAR DO ANALISTA: LEITURA DA INVASÃO DO SUJEITO CINDIDO

No seminário de livro onze: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise (1964), quando Lacan se propõe a falar do conceito de transferência, ele parte da própria questão da presença do analista. Indicando que um conceito é determinado pela sua função, o que permite Lacan questionar qual seria a função da transferência numa análise?

Para Lacan (1964) a elaboração do conceito diz de como se “dirige o modo de tratar os pacientes” (p.124). Portanto o conceito de transferência e sua função não se fixa na opinião comum de um afeto no processo da análise, em que haveria um polo positivo do amor e outro negativo de ambivalência. A transferência e sua função no tratamento teria mais haver com a função do próprio inconsciente na análise, com seus efeitos no sujeito ao falar por meio da associação livre: “O inconsciente é a soma dos efeitos da fala, sobre um sujeito, nesse nível que o sujeito se constitui pelos efeitos do significante” (p126).

De entrada sobre o próprio conceito de inconsciente estruturado como uma linguagem e o sujeito constituído pelos efeitos da cadeia de significantes, torna impossível separá-lo da presença do analista. Aqui vale a ressalva de que o inconsciente estruturado como uma linguagem é para se tomar ao pé da letra, estruturado com uma linguagem que não

necessariamente é a mesma para cada falante, é um porque não é um qualquer. (LACAN, 1966, p.25) Se há uma estruturação em uma certa linguagem é porque há um endereçamento, o que permite ao Lacan afirmar que “a presença do analista é ela própria uma manifestação do inconsciente” (p.125). Mas o fato de apostar que há uma escuta, a presença de alguma coisa que abre para escutar o inconsciente, no material que entraria no jogo da transferência, a momentos em que a causa é de resistência e seu fechamento num processo da análise. Algo ocorre da ordem do fechamento do inconsciente que interrompe a comunicação.

O que marcaria o fechamento do inconsciente seria a passagem da presença do analista para o fato de alguém ocupar este lugar. O que seria os efeitos da fala no inconsciente que é própria da constituição do sujeito. A presença de uma escuta do inconsciente permite se ocupa do lugar para o analista abrir a boca, o que sai dessa boca se não o próprio inconsciente como o discurso do Outro:

Digo em algum lugar que, *o inconsciente, é o discurso do Outro*. Ora, o discurso do Outro, que se trata de realizar, o do inconsciente, ele não está do lado de lá do fechamento, ele está *do lado de fora*. É ele que, pela boca do analista, apela à reabertura do postigo. (LACAN, 1964, p.130)

Desta forma o inconsciente é um terceiro, não há um do analista, ou outro do analisante, e muito menos um coletivo, há sim um grande Outro que já esteve sempre lá, no que implica estar de fora. O inconsciente estruturado como uma linguagem e a forma como cada sujeito é invadido e falado por este Outro. Há de ser investigado no processo da análise como o sujeito foi invadido pela mensagem do Outro em seu endereçamento ao analista. Não há um lugar portanto numa comunicação, e sim uma escuta, do que resta do discurso.

Tal resto advém das falhas da comunicação; os esquecimentos, chistes, atos falhos e o relato dos sonhos por exemplo. As questões das formações do inconsciente confirmam o lugar do analista, permite ele abrir a boca, para que assim cause mais efeitos de fala no sujeito. Por meio da interpretação, que Lacan recomenda que somente surge após a transferência, o analista deve se fazer em presença no jogo do abrir e fechar do inconsciente. Ou seja, há uma paradoxo da função da transferência que ao mesmo tempo que fecha a experiência do inconsciente é também a entrada para a fala do analista. O manejo da transferência com o que é efeito do abrir a boca do analista para deslizar a fala do sujeito.

Sobre qual efeito da análise o analista abre a boca? Abre para que ocorra mais associações livre, para a abertura do que no silêncio da relação transferencial se fechou. Haveria uma verdade dita pelo analista, esta verdade não deixa de ser uma ficção. Assim como há uma aposta no sujeito da leitura dos *Escritos*, o analista também báscula entre o lugar de sujeito que permite a falar para o analisante, porém tal fala não é se comunicar, não fixa num entendido sobre um sentido, pois há também neste lugar o analista um espaço como objeto a. Como aquele que é invadido pela fala do analisante e assim pode provocar ressonâncias e deslocamentos sobre a ficção trazida em análise pelo analisante. O que permite pensar que o analista, durante a experiência, como um lugar nem maior ou menor, e muito menos igual, ao sujeito ou ao lugar de objeto.

Mas há um diferença entre a aposta do leitor de Lacan e o lugar do analista. A produção ocorrida na leitura da fala do analisante para quem ocupa o lugar do analista advém de uma produção do próprio sujeito que procura a análise. A fala do analista é efeito do paradoxo da transferência. O analista fala pela cadeia de significantes apresentada na experiência clínica daquele sujeito específico, e não em nome próprio. Sem esquecer que a transferência é um campo de risco e para se arriscar o analista deve ser invadido pela fala do sujeito, pois “a verdade só se funda pelo fato de que a palavra, mesmo mentirosa, a reclama e a suscita” (p.132). O que suscita como rebate a intervenção do analista. Quando há escuta é quando a verdade do analisante se apresenta.

Para melhor pensar essa intervenção e a invasão pela fala do analisante é de bom grado recorrer ao um dos últimos textos da vida de Freud; *Construções em Análise* (1937). Momento em que ele retoma e questiona a técnica psicanalítica, que longe de ser da ordem da certeza lógica das ciências naturais, Freud aponta que a construção em análise é da ordem de uma elaboração dos espaços em branco da história primitiva do sujeito. Há a comparação da construção com a estrutura do delírio, ou seja, há uma verdade ficcionada pela fala que é enunciada na análise, não parte de uma racionalização do campo da consciência.

Importante lembrar que o que há de comum entre a técnica da construção e do delírio seria “a influência exercida pela realização de desejo sobre o conteúdo do delírio” (p.285). O essencial do conteúdo da loucura seria “um fragmento de verdade histórica” (p.285), o que é próprio a características da alucinação, um deslocamento e deformação de um material pela criação de uma voz que a toma num momento em que ela ainda mal poderia falar: “algo que foi experimentado na infância e depois esquecido retorne” (p.285).

Há também um alerta nesse texto do perigo de “desencaminharmos um paciente por sugestão” (p.280), a confusão de construir sobre materiais ainda não falados em análise, como uma queda de braço sobre um saber por cima de um outro que ainda não quer saber disso, tal sugestão o analista “teria de se culpar por não permitir que seus pacientes tenham oportunidade de falar.” (p.280). De certa forma é possível afirmar de um momento de evocação, no sentido de reconhecimento de uma demanda de um chamado, um fazer aparecer, trazer a lembrança no decorrer do trabalho da análise, para em seu efeito o analista se encontrar invocado, no sentido de estar tomado pela história primitiva do sujeito. Todavia invocado em auxílio do inconsciente, e não pela suplicia de sua história e posicionamento moral. Lembrando que uma das formulações de Lacan sobre o inconsciente no seminário de livro 20: *Mais ainda* (1973), “é que o ser, falando, goze e, acrescento, não queira saber de mais nada. Acrescento que isto quer dizer – não saber de coisa alguma.” (p.133).

Um saber do qual não se quer propor em fala, na invocação entre fala e escuta se presta a fazer uma fala outra, o que permite sair de uma sugestão, acolher a fala do que o sujeito nem sabe que sabe. Para que uma construção não se efetue por sedução, a de a verdade, o saber do inconsciente se apresente. Advertindo que a história primitiva do sujeito se encontra uma verdade de ficção que a sustente, há ficção independente da verdade ficcionada dos fatos. A construção seria uma consonância com a ressonância do material apresentado em análise.

A verdade sobre o sofrimento vem do próprio sujeito que procura a análise. Diferente da lógica naturalista, a fala veria de um sujeito cindido, que nos tropeços, erros e tapeações da sua história produz a verdade escutada pelo analista. Este último fala para apontar o desejo pelos deslocamentos do sujeito perante a transferência, deslocamentos do abrir e fechar do inconsciente. E o que permite tal invasão da fala e seus tropeços se não o lugar do analista como acolhimento, lugar que recebe a afirmativa do sujeito “Eu minto” como verdade.

CONCLUSÃO OU O ACOLHIMENTO DESDE FREUD

No *Dicionário etimológico da língua portuguesa* (2010) acolher é um verbo com o sentido de dar acolhida a, hospedar, recolher, de origem do latim *accolligere*. O dicionário morre aí, mas o que a origem do latim esconde foi necessário outra busca; *accolligere* deriva da palavra em latim *colligere* (Coletar, montar, trazer; obter, adquirir, montar, acumular). *Colligere* por sua vez deriva de outra palavra latina *legere* (Ler; coletar e reunir). Como se não

fosse suficiente, *legere* do latim deriva do grego *legein* que é o verbo falar, que tem sua raiz *leg-* na língua indo-europeia; que é tanto prefixo para falar quanto para colher, colher a falar.

No acolhimento se trata de colher a fala, os sintomas, suas falhas e os nomes. Acolher implica até uma forma de receber e ler aquilo que se coleta da fala do sujeito, que se contorna por outras nomeações causadas pelos efeitos da escuta do desejo. Na inicial leitura de *Sobre a Psicopatologia da Vida Cotidiana* (1901), é fácil ficar atento ao fato que Freud decide fazer um livro com coletas de atos falhos e lapsos, mas o intrigante é que ele as coleciona fora dos seus atendimentos clínicos. Uma persistência de Freud em escutar o inconsciente e principalmente de receber aqueles que querem lhe contar o que esqueceram, mesmo que seja fora do set analítico.

Freud sabe ser invadido por aquilo que se propôs a inventar, principalmente porque no exercício da escuta psicanalítica ele cria palavras e é invadido por elas na elaboração da psicanálise. Tanto que se propõe, em plenas férias de verão da sua clínica, ajudar um jovem rapaz a retomar o porquê do esquecimento de um pronome em latim; *aliquis*. Sua única exigência é que fale sinceramente e sem nenhuma crítica tudo que ocorrer sobre a palavra esquecida. No desenrolar da própria interpretação do jovem esquecido, ele liga a palavra estrangeira *aliquis* com texto de Santo Agostinho sobre as mulheres. Em seguida ao São Januário, o que intriga Freud tal salto de associação o que permite colher a história do ritual do milagre impaciente de assistir o sangue do santo se liquefazer. Até que num momento o jovem pensa, para em seguida dizer, sobre a preocupação com a dama em que teve relação sexual e na possibilidade do sangue que ainda não liquefez. Esqueceu para ver se não nascia algo da ordem do inesperado.

Mas para chegar a este ponto Freud se coloca no lugar de espera da associação do jovem, que insiste em querer fazer parte da coleção e investigação freudiana. Freud chega a propor que se for difícil falar, não precisa ser naquele momento. Pois é impossível forçar a falar, mas quem sabe questionar. Na elaboração da questão já aponta o manejo transferencial, sem obrigar a falar a questão permite abrir o inconsciente para a leitura freudiana.

Espantoso como Freud ocupa esse lugar de espera, como ele é inquieto para esperara que algo advenha do inconsciente. Como pedir um tempo, num até então simples conversa com um conhecido companheiro de viagem, um tempo para se abrir e para colher o que conseguir falar. Faz até a viagem passar por outro lugar. Num momento que Freud estava de férias de verão, parece que há uma força constante operando a investigação e que permite

ocupar o lugar de analista invadido pela fala do outro. Neste ponto há maiores investigações a ser feita sobre a pulsão que perpassa o lugar do analista que insiste em querer escutar mais ainda. Que pulsão seria essa que sustenta o lugar bascular do analista é outro ponto a se investigar, relacionando o lugar do analista, a transferência e o inconsciente.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

CUNHA, Antônio Geraldo da. *Dicionário etimológico da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Ed. Lexikon, 2010.

FREUD, Sigmund. *Construções em análise*. Rio De Janeiro: Ed. Imago, 1937

FREUD, Sigmund. *Sobre a psicopatologia da vida cotidiana*. Rio de Janeiro: Ed. Imago, 1901.

LACAN, Jacques. “Abertura desta coletânea”. In: *Escritos*. Rio de Janeiro: Ed. Jorge Zahar, 1966, p.9-11.

_____, Jacques. “O seminário sobre “A carta roubada””. In: *Escritos*. Rio de Janeiro: Ed. Jorge Zahar, 1956, p.13-45.

_____, Jacques. *O seminário, livro 11: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*. Rio de Janeiro: Ed. Jorge Zahar, 1964.

_____, Jacques. *O seminário, livro 12: a lógica do fantasma*. Recife. Ed CEF; 2008.

_____, Jacques. *O seminário, livro 20: mais, ainda*. Rio de Janeiro. Ed. Zahar; 2008.